

# Encruzilhada entre danças populares e dança contemporânea

Ewellyn Elenn de Oliveira Lima  
Marcílio de Souza Vieira

Universidade federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

## Resumo

Resenha do livro *Corpo limiar e encruzilhadas: processo de criação na dança*, de autoria de Renata Lima da Silva. O livro é fruto da tese de doutorado defendido no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. A obra discute sobre corpo, movimento e cultura para se pensar a Dança brasileira contemporânea. Experiências artísticas, vivências de campo e história pessoal vão se fundindo no decorrer da obra que é encruzilhada pelo personagem de José Firmino. Os modos de fazer da dança contemporânea são abordados sob o viés das matrizes da cultura popular vivenciadas pela autora.

**Palavras-chave:** corpo; cultura; dança; encruzilhada.

A obra *Corpo limiar e encruzilhadas: processo de criação na dança*, de autoria da Profa. Dra. Renata Lima da Silva, capoeirista e docente da Universidade Federal de Goiânia, é resultado de sua pesquisa de doutorado e foi publicada em sua primeira edição no ano de 2012 e em segunda edição em 2016, pela Editora UFG, Goiânia. A obra apresenta importante discussão sobre corpo, movimento e cultura para se pensar a Dança brasileira contemporânea a partir de matrizes de danças pretas das manifestações populares do Sudeste e Centro-Oeste brasileiro. Experiências artísticas, vivências de campo e história pessoal vão se fundindo no decorrer da obra que é encruzilhada pelo personagem de José Firmino. Os modos de fazer da dança contemporânea são abordados sob o viés das matrizes da cultura popular vivenciadas pela autora.

O livro é dividido em sete capítulos mais as considerações finais e referências. Ao decorrer da obra a autora constrói um fio condutor que começa com a figura do José Firmino da Silva, personagem semificcional que nos conduz a uma viagem no tempo-espaco ancestral afro-brasileiro, nos movimentando entre historicidades e informações sobre algumas

manifestações da cultura popular brasileira e a obra finaliza no tempo-espaço contemporâneo da produção de conhecimento científico teórico e prático que é proposto pela autora a partir das interseções desses dois lócus.

Ao decorrer dos capítulos são esmiuçadas algumas especificidades relativas a algumas danças tradicionais brasileiras, como o Jongo, Batuque e o Tambor de Crioula, também é explanado a sistematização de seus procedimentos metodológicos, estudo do movimento e proposição de dinâmicas coreográficas. A partir da questão “Que dança é essa?” a autora propõe um processo criativo na dança e caminhos de preparação corporal a partir de estudos técnicos de manifestações da cultura popular brasileira. Uma encruzilhada entre danças populares e dança contemporânea.

O corpo limiar bebe da fonte do conceito de Encruzilhada proposto por Leda Maria Martins (dentre outros autores) que apresenta esse espaço como lócus tangenciais de ancestralidade, sendo o corpo limiar um estado corporal instaurado a partir da encruzilhada, o corpo que é ativado no momento da performance-ritual. A encruzilhada é um conceito que pretende trazer a percepção da cultura negra tendo como referencial a própria cultura negra. Os conceitos de encruzilhadas e corpo limiar expandem a nossa concepção de arte negra no Brasil. Para Silva (2016) a encruzilhada é o encontro de ruas ou trilhas, um lugar de intersecções; o lugar radial de centramento e descentramento, influências e divergências, de unidade e pluralidade ou ainda de origem e disseminação como aponta Martins (1997) citada por Renata Lima; já o corpo limiar “é próprio da encruzilhada [...] corpo que se move, brinca, dança, canta e recria a história” (SILVA, 2016, p. 69) de tantas pessoas.

Ao decorrer dos capítulos, questões referentes às artes cênicas afro-brasileiras são evocadas, como o confronto pluricultural brasileiro, onde além das matrizes africanas encontramos também marcas da cultura indígena e europeia. Fator esse que requisita à autora uma (re)flexão acerca do termo “Dança contemporânea brasileira”, esta que é “substituída” na obra pela “Dança brasileira contemporânea”, com o intuito de especificar as produções que possuem por referência as culturas ancestrais afro-pindorâmicas. A autora também tece diálogos com importantes autores dos campos da Dança, Arte-educação e Antropologia da Performance, como Rudolf Von Laban, Turner, Schechner e Strazzacappa, além de artistas, mestres da cultura popular e companhias de dança negro-brasileiras, o que torna a leitura ainda mais rica por correlacionar áreas de saberes diversos e refletir sobre as produções no sentido decolonial também por via pedagógica.

Em “Que dança é essa?”, capítulo inicial da obra, a autora se coloca como pesquisadora e dançante de dança brasileira contemporânea, além de construir um breve histórico das danças de Mercedes Baptista, do Balé Folclórico e dança negra contemporânea da Bahia; das danças de Clyde Morgan, King, Firmino Pitanga, Eusébio Lobo, Inaycira Falcão e tantos outros artistas pretos que influenciaram sua dança e conseqüentemente sua pesquisa. “O corpo é

metáfora da cultura” é o capítulo que se segue após o inicial e traça, a partir do personagem José Firmino da Silva, histórias contadas por esse personagem entrelaçadas por “histórias” de autores que dão vozes a personagens pretos. Pretos Velhos, Exus, os avós da autora, Seu Firmino vão zigzagueando esse capítulo, costurando o que Silva (2016) entende o corpo como metáfora a partir da cultura e dos processos de aprendizagem que se dão pelo viés da cultura.

O terceiro e quarto capítulos da obra foram nominados de “Preparação corporal em dança brasileira contemporânea” e “O corpo é movimento da cultura”. Contribuem para se refletir essa preparação corporal autores como Rudolf Laban, Eusébio Lobo, Inaycira Falcão, Eugênio Barba além de Mestres e brincantes da cultura popular. Merleau-Ponty, José Gil, Deleuze e Guattari são autores que a autora toma emprestado da Filosofia para o corpo como consciência e experiência na Dança. Para tanto, apresenta o conceito de corpo subjétil para problematizar o estado cênico e se pensar o corpo na dança brasileira contemporânea. O corpo na encruzilhada e do corpo limiar ao corpo subjétil são subtópicos que alicerçam o pensamento da autora para compreender e dizer que o corpo é movimento da cultura. Exemplifica esse corpo encruzilhado a partir da Capoeira e do Samba de umbigada como corporeidades atualizadas por meio de uma memória coletiva; corpo limiar como “[...] próprio da encruzilhada, entre o passado e o presente, o sagrado e o profano, o eu e o outro” (SILVA, 2016, p. 69). Para a autora supracitada o corpo limiar é tecido por um devir de realidades e que sustentam uma zona de turbulências. Para ela essa zona de turbulência está no corpo subjétil que na encruzilhada torna-se corpo limiar.

O quinto capítulo se inicia com um questionamento sobre o corpo que dança a Dança brasileira contemporânea: Performance, jogo ou ritual? Para responder à pergunta, Renata Lima lança mãos dos conceitos de performance a partir de Schechner (2002) quando diz que as performances são constituídas de pedaços de comportamentos, do conceito de jogo a partir de Huizinga (2007) e Callois (1990) que categoriza o jogo em quatro categorias, a saber: competição, sorte, simulacro e vertigem. Dando continuidade ao capítulo a autora reflete sobre a Capoeira e os Sambas de umbigada, a *paidia* e o *ludus* nessas duas manifestações populares e apresenta outras danças de raízes pretas como o Jongo, o Batuque, o Samba de Roda, o Tambor de Crioula e a Capoeira de Angola como matrizes dessa cultura em movimento em transformação. Sobre *paidia* e o *ludus* a autora diz que a primeira “[...] é tumulto exuberância”, já a segunda “[...] cálculo e combinação” (SILVA, 2016, p. 89), logo a *paidia* implica-se na espontaneidade e na improvisação e o *ludus* na organização e estruturação.

Renata Lima da Silva (2016) vai dizer que a Capoeira e os Sambas de Umbigada são manifestações de encruzilhada e o corpo nessas danças é o corpo limiar em situação de jogo na performance ritual. Diz ainda que as relações de jogo no Jongo e no Batuque se dão no

diálogo entre os tambores e na Capoeira de Angola na malícia; já no Samba de roda fica evidente a projeção da *paidia* sobre o *ludus*.

A sistematização de procedimentos metodológicos de preparação e processo de criação (capítulo 6) chega a partir de uma escrita nítida e bastante didática em que se pode mergulhar em exercícios que são minuciosamente descritos e ilustrados, estes, com o foco mais respectivo nas bases e forças motrizes da Capoeira Angola e do Batuque. Tais exercícios como “zipar o púbis”, “arquear os joelhos”, “enraizar os pés” e trazer a imagem de “cachoeira nos ombros” vão instaurando no corpo fatores como força muscular, flexibilidade, alinhamento postural, organizações que posteriormente auxiliarão os dançarinos a experimentarem movimentações presentes em manifestações populares como a “Negativa”, a “cocorinha” e ginga da Capoeira. Essa construção de organizações corporais e vivências com um novo repertório de movimentos abrem espaços para a investigação, elaboração e reelaboração de novas formas de mover. Novas encruzilhadas.

Ainda nessas encruzilhadas a autora apresenta a “Ginga pessoal” como estudo do movimento e “Dinâmicas coreográficas”, respectivamente capítulos 7 e 8 da obra. No estudo do movimento a partir da ginga pessoal, Renata Lima conceitua ginga pessoal e apresenta alguns movimentos (exercícios primários, secundários e dinamização) para dinamizar o trabalho corporal individual e coletivo e estabelece relações com os fatores de movimento desenvolvidos por Laban. Para a experimentação de dinâmicas coreográficas a autora parte das manifestações corporais do batuque, do samba congo e da capoeira.

Nas considerações finais a autora retoma alguns conceitos-chaves refletidos na obra para dizer que é na encruzilhada que o corpo limiar se instaura considerando os repertórios corporais dos brincantes das danças mencionadas, da *paidia* e do *ludus*. Em suas considerações para que esse corpo limiar aconteça em sua organicidade e identificação retoma a ginga e a instalação como elementos motivadores para a dança, logo uma Dança brasileira contemporânea em que há uma proeminência do corpo no movimento que é pensamento e na cultura que dá os contornos para que esse corpo aja e dance.

## Referências

- CALLOIS, Roger. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Cotovia, 1990.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- SCHECHNER, Richard. *Performance e Antropologia*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2002.
- SILVA, Renata de Lima. *Corpo limiar e encruzilhadas: processo de criação na dança*. Goiânia: Editora UFG, 2016.